

# “Eu quero o país que não está no retrato”: Minibiografias de personagens maranhenses para abordar o ensino de história e cultura afro-brasileira na educação básica

“I want a country that is not in the picture”:

Short biographies of characters of Maranhão to address the  
teaching of afro-brazilian history and culture in basic education

**Marco Antônio Machado Lima Pereira**

Doutorado em História Social

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

marco.pereira@ufma.br

**Bruna Silva Sampaio**

Graduanda em Ciências Humanas-Geografia

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

bs.sampaio@discente.ufma.br

**Isadora Cristina Martins Cardoso**

Graduanda em Ciências Humanas-Geografia

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

isadora.cmc@discente.ufma.br

**Lucas de Sousa Rabelo**

Graduado em Ciências Humanas-Geografia

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

lucasrabeloo.ufma@gmail.com

**Recebido:** 23/04/2025

**Aprovado:** 28/07/2025

**Resumo:** Ensinar história da África e da cultura afro-brasileira é uma maneira de romper com a estrutura de pensamento eurocêntrico que até hoje caracteriza a formação escolar no Brasil. O objetivo central do artigo é apresentar possibilidades para se abordar de forma qualificada os conteúdos curriculares relacionados à história da cultura afro-brasileira. As minibioografias em conjunto com sugestões de atividades didáticas podem servir como um guia a ser utilizado como apoio às práticas dos/as docentes que atuam na educação básica. A expectativa é que este material possa inspirar experiências de ensino-pesquisa, incorporando outros personagens e lançando luz sobre outros protagonistas da nossa história.

**Palavras-chave:** Lei 10.639/2003; ensino de história; personagens afro-brasileiros.

**Abstract:** Teaching the history of Africa and afro-brazilian culture is a way of breaking with the Eurocentric thinking structure that still characterizes school education in Brazil. The main objective of this article is to present possibilities to approach the curricular contents related to the history of afro-brazilian culture in a qualified way. The short biographies accompanied with suggestions for didactic activities can serve as a guide to support the practices of teachers working in basic education. This material is presented with the intention of inspiring teaching-research experiences, incorporating other characters and shedding light on other protagonists of our history.

**Keywords:** Law 10.639/2003; history teaching; afro-brazilian characters.

## Notas iniciais

*Brasil, meu nego, /deixa eu te contar/a história que a história não conta, /o avesso do mesmo lugar/Na luta é que a gente se encontra/Brasil, meu dengo a Mangueira chegou/Com versos que o livro apagou/Desde 1500/tem mais invasão do que descobrimento, /tem sangue retinto pisado/atrás do herói emoldurado/Mulheres, tamoios, mulatos/Eu quero o país que não está no retrato<sup>1</sup>.*

O título do presente artigo é inspirado pelo debate trazido à esfera pública pelo samba-enredo da escola de samba Mangueira, intitulado *História para ninar gente grande*. A Estação Primeira de Mangueira se sagrou vitoriosa no carnaval de 2019 do Rio de Janeiro com sua proposta de contar o “avesso” da história do Brasil, com um samba-enredo cujo repertório trouxe para o primeiro plano as lutas de negros/as, indígenas e mulheres ao longo dos séculos. Por outro lado, cabe observar que o texto a seguir é resultado de um projeto de ensino desenvolvido com três estudantes bolsistas do curso de Licenciatura em Ciências Humanas-Geografia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Grajaú-MA, no âmbito do programa Foco Acadêmico<sup>2</sup>, vinculado à Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PROAES).

Além do samba-enredo anteriormente citado, outra fonte de inspiração para o projeto foi a 11<sup>a</sup> Olimpíada Nacional em História do Brasil, que em junho de 2019 propôs a criação do dicionário biográfico *Excluídos da História*<sup>3</sup>. O resultado final foi a produção de 2.251 verbetes sobre personagens pouco estudados na historiografia. Os participantes produziram quatro páginas de um livro didático,

<sup>1</sup> Excerto do samba-enredo *História pra ninar gente grande*, Estação Primeira de Mangueira, 2019. Compositores: Deivid Domênico, Tomaz Miranda, Mama, Marcio Bola, Ronie Oliveira e Danilo Firmino.

<sup>2</sup> Que tem como objetivo proporcionar aos estudantes oriundos das camadas populares experiências em projetos de ensino, pesquisa e extensão, a fim de contribuir com o fortalecimento de sua formação acadêmica e profissional.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.olimpiadadehistoria.com.br/especiais/excluidos-da-historia/> Acessado em: 08/06/2021.

trazendo um personagem dali ausente, mas por eles identificado como relevante. Não poderíamos deixar de mencionar a iniciativa de docentes do Instituto Federal de São Paulo que compõem o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) e que produziram material de apoio didático com sugestões de biografias de personalidades negras e indígenas para abordar o ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena na sala de aula<sup>4</sup>.

Entre os meses de setembro/2021 a agosto/2022 mapeamos as trajetórias de artistas, intelectuais e ativistas negras/os maranhenses do século XX. São eles: Célia Sampaio (cantora e compositora); Damaris de Oliveira Lucena (operária e militante negra); João do Vale (cantor, músico e compositor); Maria José Camargo Aragão (médica, jornalista, professora e líder comunista); Maria do Espírito Santo Tavares dos Santos (médica e militante comunista); Mestre Atenas (pintor, organizador e mestre da cultura popular); Mundinha Araújo (militante do movimento negro e uma das fundadoras do Centro de Cultura Negra do Maranhão), Salgado Maranhão (poeta e letrista de música popular); Ubirajara Fidalgo (ator, autor e diretor teatral).

Em dezembro de 2021 os bolsistas fizeram um levantamento de fontes concernentes a cada um dos personagens escolhidos. Lançamos mão de pressupostos que permitiram aos bolsistas pensar historicamente, a saber, a delimitação dos personagens a serem pesquisados, o levantamento/análise de documentos e a produção e divulgação do material de apoio didático. Nesse sentido, “é muito importante dar autonomia aos estudantes para que decidam que fontes vão usar e que caminhos vão seguir para dar conta da questão da pesquisa e produzir os resultados sugeridos” (ALBERTI, 2012, p. 66-67).

Os acervos disponíveis online foram priorizados para o levantamento de documentos e de bibliografia. Felizmente, inúmeros sites e acervos digitais dispõem de farto material aberto ao público leitor, como por exemplo, o Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira, o Museu AfroBrasil, o Geledés, o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro), o portal Literafro da Faculdade de Letras da UFMG, a Enciclopédia Itaú Cultural, a Brasiliana da Biblioteca Nacional, o site do Instituto Moreira Salles e, por fim, as páginas Memórias da ditadura e Memorial da Resistência.

Valemo-nos de abordagens metodológicas acerca do estudo de trajetórias e biografias provenientes do campo historiográfico (BORGES, 2008; PEREIRA, 2000; SCHWARCZ, 2013).

<sup>4</sup> Disponível em: <https://itp.ifsp.edu.br/index.php/orgaos-colegiados-e-comissoes/neabi-nucleo-de-estudos-afro-brasileiros-e-indigenas> Acessado em: 08/06/2021.

Processos biográficos, como salientou Lilia Schwarcz (2013, p. 56), não são como “avenidas pavimentadas e de sentido único e nem tampouco seguem uma linearidade progressiva – nos termos de uma sucessão mecânica entre causas e efeitos”. Portanto, é preciso estar atento/a às especificidades dos personagens analisados, situando-os em seu grupo, contexto social e tempo histórico.

A pesquisa e análise crítica das fontes, sejam elas orais, escritas ou imagéticas, seguiram as indicações atuais da historiografia, em particular as que debatem o emprego de fontes para ações didáticas (ALBERTI, 2012). As questões que se seguem compõe esse exercício de inventário analítico de fontes: a) quem é o autor, quando a produziu e quais suas intenções?; b) o que a fonte me diz sobre o personagem biografado?; c) o que ela me permite dizer sobre o mundo em que o personagem viveu?; d) o que a fonte não me diz e como posso saber mais?

Em que pesem as lacunas no tratamento das/os personagens negras/os como sujeitos e agentes da história, não há como ignorar que os temas ligados à cultura afro-brasileira ganharam espaço nas reflexões e ações dos/a educadores/as e pesquisadores/as nas últimas décadas. Se a luta pela superação do racismo e da discriminação racial se constitui como responsabilidade de todo/a e qualquer educador/a, torna-se necessário dedicar um espaço efetivo para os/as personagens da diáspora negra nas Américas em nossos programas curriculares, bem como em nossos projetos de pesquisa, ensino e extensão. Dito isto, convém destacar que o enfoque de nossa proposta reside no estudo de artistas, intelectuais e ativistas negros/as maranhenses.

De acordo com os dados do último censo demográfico publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), os afrodescendentes compõe a maioria da população do estado maranhense (79%). A representação quantitativa, também expressa nas práticas, memórias e experiências do estado, devem-se, sobretudo ao tráfico transatlântico entre os séculos XVIII e XIX, responsável por milhares de negros escravizados da Costa da Mina e da Guiné.

Atualmente, o Maranhão possui mais de 700 comunidades quilombolas que se localizam na região da baixada maranhense e próximas aos rios Itapecuru e Mearim (BRASIL, 2019, p. 11). Deste modo, as narrativas acerca das diferentes territorialidades ocupadas pelas populações negras nas áreas urbanas e rurais e as suas experiências de vida devem estar presentes nos conteúdos escolares. Trata-se de um esforço de saldar parte da dívida dos currículos das escolas em relação ao direito de grande parte da população brasileira de ter suas histórias incluídas, conhecidas e estudadas (PEREIRA; MONTEIRO, 2013, p. 10).

O trabalho em torno da temática africana e afro-brasileira, diz Lorene dos Santos (2013, p. 69), pode tornar-se “uma oportunidade peculiar de autoidentificação, significando, em alguns casos, uma importante e surpreendente descoberta e valorização da própria negritude”. Dito de outro modo, “quando os professores empreendem propostas pedagógicas direcionadas à positivação dessa identidade, tal trabalho se apresenta, para muitas crianças e adolescentes, como uma primeira e importante oportunidade de reconhecer-se e afirmar-se como negro” (SANTOS, 2013, p. 70).

Nos afinamos às iniciativas de docentes cujos trabalhos pedagógicos têm como um dos objetivos centrais promover a valorização da história e cultura africana e afro-brasileira tendo em vista à positivação da identidade negra e, igualmente, a reeducação das relações étnico-raciais (SANTOS, 2013, p. 71). Desse modo, positivar a identidade negra a partir do estudo – e valorização – de elementos das culturas africanas e afro-brasileiras tem sido um caminho trilhado por muitos professores ao longo das últimas décadas (SANTOS, 2013, p. 72).

### **Experiência de ensino-pesquisa: minibiografias afro-maranhenses**

O eixo central de nossa proposta consiste em articular pesquisa e ensino para a produção de um material de apoio didático contemplando verbetes biográficos sobre personagens afro-brasileiros. Com isso, almejamos colaborar para a efetiva implementação da Lei 10.639/2003, conforme prevê as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, sobretudo no que diz respeito à divulgação e estudo da participação de personagens afrodescendentes “em episódios da história do Brasil, na construção econômica, social e cultural da nação, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social” (BRASIL, 2004, p. 22).

Dito isto, foram produzidas nove minibiografias que serão expostas a seguir em ordem alfabética: Célia Sampaio; Damaris Lucena; João do Vale; Maria Aragão; Maria do Espírito Santo; Mestre Atenas; Mundinha Araújo; Salgado Maranhão; Ubirajara Fidalgo. A partir da produção dos verbetes, elaboramos sugestões de atividades para abordar o ensino de história e cultura afro-brasileira em sala de aula, oferecendo subsídios para que outros colegas de profissão e/ou futuros/as professores/as possam trabalhar com os temas relativos à importância da educação para as relações étnico-raciais e da luta pela reavaliação do papel do negro na história do Brasil. Além disso, esperamos

nos somar a necessária construção de uma pedagogia antirracista e cidadã na educação básica, desenvolvendo junto com a comunidade acadêmica e escolar projetos capazes de desconstruir discursos/práticas discriminatórias.

Na esteira das reflexões de Anderson Oliva e Maria Telvira da Conceição, a lei n. 10.639/03 deve ser pensada como fruto da insurgência e da luta antirracista dos movimentos sociais e intelectuais negros/as e seus aliados/as que por décadas travaram (e ainda travam) batalhas árduas contra o racismo e o colonialismo intelectual que sempre estiveram na base da nossa história e do sistema educacional. Por outro lado, a colonização eurocêntrica e racista dos currículos escolares brasileiros tem se constituído em um fenômeno de longa duração que se impôs como resultado de uma opção elitista e violenta por parte do Estado brasileiro, mormente no que tange “à presença e às indiscutíveis contribuições dos povos africanos, dos povos indígenas e da população negra na história nacional e na história do mundo” (OLIVA; CONCEIÇÃO, 2023, p. 8).

Contudo, é inegável que tanto a lei 10.639/03 como as políticas de ações afirmativas para estudantes negros e indígenas, implementadas ao longo das décadas de 2000 e 2010 em diversas universidades públicas e escolas, têm produzido efeitos anticoloniais significativos nos currículos brasileiros, da educação básica a superior. De modo que nossa iniciativa procura se somar àquelas que clamam pela necessidade de “fissurar os currículos eurocêntricos a partir de histórias afro-centradas, negro-centradas” e aos educadores/as que seguem lutando contra os silêncios, inclusive em suas formações acadêmicas, e encarando certas dificuldades para acessar materiais de apoio e no enfrentamento ao racismo epistêmico. Sem dúvida, o ingresso cada vez maior de estudantes negros, quilombolas e indígenas têm sido decisivo para começar a ruir o que Anderson Oliva e Maria Telvira da Conceição chamam de “muros das epistemologias eurocentradas e racistas” que dominavam (e quiça ainda dominam) boa parte das nossas universidades (OLIVA; CONCEIÇÃO, 2023, p. 15).

Levando em conta os inúmeros desafios com os quais nos deparamos no sentido de encarar as marcas do colonialismo, racismo, elitismo, sexism e escravidão em nossa história, temos ainda a necessidade de superação do eurocentrismo e do colonialismo epistêmico que demanda um movimento mais profundo, “que não apenas modifique algumas ‘folhas da árvore do conhecimento eurocentrado’” (OLIVA; CONCEIÇÃO, 2023, p. 22-23). Com efeito, será preciso arrancar essa árvore até suas raízes, como reivindicam Oliva e Conceição, plantando em seu lugar outro saber/conhecimento pluriepistêmico. Embora seja relevante destacar os inúmeros avanços promovidos pela lei n. 10.639/03 e as pequenas fissuras provocadas nos currículos do país, os sentidos da História continuam ancorados

nos silêncios e nos racismos/colonialismos epistêmicos, o que exigirá por parte dos/as educadores/as a promoção de ações críticas contínuas para desconstruir seus efeitos (OLIVA; CONCEIÇÃO, 2023, p. 28).

A escolha dos verbetes e dos homens e mulheres biografados/as foi feita levando em consideração a relevância, política, cultural e social das personagens históricas para suas comunidades locais e nacionais. No campo da educação e da cultura, destaca-se a figura da professora e precursora do movimento negro contemporâneo no estado do Maranhão Mundinha Araújo, que se tornou um dos nomes mais expressivos da luta do povo negro pela sua emancipação política, sendo hoje uma das referências negras local e nacional. No campo das artes, destacamos mulheres e homens como Célia Sampaio, João do Vale, João da Cruz Atenas, Salgado Maranhão e Ubirajara Fidalgo, que por meio de suas performances artísticas, deram vazão às experiências e lutas da população afro-brasileira, influenciando a cultura e a sociedade. Finalmente, no campo político, destacamos mulheres que se organizaram politicamente, como Damaris Lucena, Maria Aragão e Maria do Espírito Santo, que se engajaram na luta pela igualdade racial e de gênero, ocupando espaços de liderança e representatividade em suas respectivas comunidades.

### **Célia Sampaio<sup>5</sup>**

**1964/São Luís**

Célia Sampaio é cantora e compositora. Conhecida nacionalmente como a “dama do reggae”, nasceu no dia 30/03/1964 e cresceu no bairro da Liberdade em São Luís-MA. Formou-se em técnica de enfermagem. Em 1984, começou sua carreira cantando no Bloco Afro Akomabu, primeiro bloco afro do carnaval maranhense. Foi a única mulher a integrar a banda Guethos, a primeira banda de reggae a tocar no teatro Arthur Azevedo, localizado em São Luís. Atuou como baking vocal de cantores de reggae internacional, tais como Erick Donaldson e Judy Boucher. Em 1999, decidiu iniciar carreira solo, fazendo a abertura do show de Rita Ribeiro no Sesc-Pompéia, na capital paulista. Com esse show, Célia Sampaio ganhou visibilidade perante outros artistas da música brasileira, como por exemplo, Virgínia Rodrigues, Mestre Ambrósio, Leci Brandão, Chico César e Nação Zumbi. No ano seguinte, lançou seu primeiro CD, intitulado “Diferente”, que trazia composições de músicos maranhenses já reconhecidos no estado: Paulinho Akomabu, Alê Muniz e Mano Borges. Com esse disco, Célia ganhou

<sup>5</sup> As informações relacionadas à trajetória de Célia Sampaio foram coletadas no site: <https://celiasampaio.webnode.com.br/biografia/>

o prêmio Universidade FM, importante no cenário musical maranhense. A cantora e compositora ainda participou de discos de cantores como Zé Lopes, das bandas de rap Clã Nordestino e Reação, do Bloco Afro Akomabu, do CD do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), ao interpretar a música *Passamento*, composição de Joãozinho Ribeiro.

Ao lado da cantora Alcione, Célia Sampaio participou do show SOS Maranhão, em 2009, angariando fundos para os moradores que tiveram suas casas devastadas pelas chuvas no estado do Maranhão. Neste mesmo ano, Célia Sampaio lançou a coletânea *Oyá*, que contempla os grandes sucessos gravados pela artista no decorrer de sua trajetória musical. Em 2011, Célia foi homenageada no I Troféu Black Power, em São Luís, onde estiveram presentes e foram premiados os grandes nomes do reggae do Maranhão. Em janeiro do ano seguinte, a cantora venceu a 8ª Mostra de Música do Bloco Afro Akomabu por sua interpretação da canção *Negro Axé*, composição de Marco e Henrique Duailibe.

Foi uma das homenageadas no carnaval de 2012 pela escola de samba *Unidos de Ribamar*, cujo enredo mencionava a importância do bairro da Liberdade, considerado o maior quilombo urbano das Américas, bairro onde Célia Sampaio nasceu e viveu grande parte de sua vida. Em janeiro de 2013, sagrou-se vencedora do 12º Festival Maranhense de Música Carnavalesca promovido pelo Sistema Mirante, com a canção *Raça Bomba*, levando os prêmios de “melhor música” e “melhor intérprete”. Pela Negro Axé Produções participou dos shows *Negro Axé* (agosto/2013), *Canto pra Iansã* (dezembro/2013), *Aos Nossos Mestres* (março/2014) e *Coisas Nossas* (agosto/2014). Foi também a Negro Axé que produziu o show *Crioula* que comemorou os 50 anos de idade e 25 anos de carreira da cantora em julho de 2020.

Em novembro de 2022, no dia nacional da consciência negra, a “dama do reggae” lançou novo álbum. Entre as canções do novo disco figura um poema de Maria Firmina dos Reis, intitulado *Ela*, musicado por Socorro Lira e agora interpretado por Célia Sampaio. No repertório, a artista interpreta canções de compositores da Ilha como Gerude, Escrete, Paulinho Akomabu, Henrique Menezes, Bruno Guerreiro e Mari Martins. O álbum ainda contou com participações de Zeca Baleiro e Adnon.

## Damaris Lucena<sup>6</sup>

### 1925-2020/Codó e Valinhos

---

<sup>6</sup> As informações de cunho biográfico de Damaris de Oliveira Lucena foram coletadas no Portal Memórias da Ditadura. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/damaris-lucena/> E também no site do Memória da Resistência de São Paulo. Disponível em: <https://memorialdaresistenciaasp.org.br/noticias/ramos-e-raizes-da-opressao/>

Damaris de Oliveira Lucena foi militante política na luta por direitos e um dos símbolos da resistência operária contra a ditadura militar (1964-1985). Damaris nasceu em 22/08/1925, em Codó-MA e teve uma infância marcada pela pobreza e miséria. Sua mãe, dona Guilhermina, faleceu levada pela fome. A personagem estudou somente até o terceiro ano do que anteriormente era chamado de antigo primário, e logo começou a trabalhar como doméstica. Damaris teve que trabalhar também como babá. Aos 16 anos, ela mudou-se para Caxias-MA, tornando-se assim operária em uma fábrica. Depois, aos 21 anos, casou-se com Antônio Raymundo Lucena.

Em 1950, Damaris e seu companheiro migraram para a cidade de São Paulo, onde foram em busca de melhores condições de vida. Ambos trabalharam em uma fábrica têxtil, atuando no movimento sindical. Damaris e Antônio tiveram quatro filhos: Ariston, Denise, Adilson e Telma. Damaris Lucena é reconhecida como uma das lideranças operárias entre as mulheres, pois reivindicava as demandas das trabalhadoras com os patrões e, com isso, conseguiu ampliar o tempo de amamentação que elas tinham por direito. Em sua primeira greve, foi levada para a delegacia, mas foi liberada poucas horas depois. Como era uma militante política, foi demitida e nunca mais conseguiu trabalhar na indústria têxtil, voltando assim a trabalhar como doméstica e, posteriormente, como ajudante de cozinha e feirante.

No ano de 1967, integrou a luta armada ao lado de seu companheiro na Vanguarda Popular Revolucionária<sup>7</sup> (VPR). Com o decreto do Ato Institucional nº 5 (o AI-5), em 13/12/1968, a família passou a viver na clandestinidade percorrendo diversas cidades de São Paulo, do litoral ao interior. Os militares no poder lançavam mão cada vez mais da violência e da repressão por meio das prisões políticas, torturas e assassinatos. Seu companheiro de vida e militância política foi morto em 20/07/1970, em Atibaia, no interior de São Paulo. Com a morte de seu marido, Damaris foi presa e seus filhos mais novos foram levados a um orfanato. Foi nesse contexto que ela foi levada para o centro clandestino de tortura da Operação Bandeirantes<sup>8</sup> (OBAN), onde sofreu violências físicas por

<sup>7</sup> “[...] A Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) surgiu em São Paulo, liderada pelo ex-sargento Onofre Pinto, com participação ativa de outros ex-militares de baixa patente e intelectuais militantes como João Quartim de Moraes e Ladislau Dowbor, mais tarde integrada também por jovens líderes operários de Osasco, casos de José Ibrahim e Zequinha Barreto, sem contar o lendário capitão Lamarca, que trocou o exército pela VPR em janeiro de 1969” (RIDENTI, 2007, p. 33).

<sup>8</sup> “[...] Em junho de 1969, surgiu extraoficialmente a Operação Bandeirantes (Oban), organismo especializado no ‘combate à subversão’ por todos os meios, sobretudo a tortura sistemática. A Oban era parcialmente financiada por setores nacionais e internacionais do empresariado de São Paulo. Em setembro de 1970, a Oban integrou-se ao organismo oficial, recém-criado pelo exército, conhecido como Doi-Codi (Destacamento de Operações de Informações/Centro de Operações de Defesa Interna). [...] Estava armado o aparelho que destruiria impiedosamente as esquerdas armadas” (RIDENTI, 2007, p. 38-39).

cerca de vinte dias, assim como seu filho mais velho Ariston, que também foi membro da VPR, e foi capturado meses mais tarde. Preso por dez anos, Ariston somente foi libertado com a Lei de Anistia de 1979. Damaris e seus familiares foram banidos do Brasil e tornaram-se apátridas até a Lei de Anistia. Em Cuba, aos 43 anos, ela foi alfabetizada e prosseguiu seus estudos, iniciando o primário até chegar ao ensino superior (SILVA, 2019, p. 61).

Em que pese as inúmeras tentativas de Damaris Lucena e dos filhos em lhe dar um sepultamento digno, os restos mortais de Antônio Raymundo de Lucena nunca foram localizados. Sem conseguir enterrar seu companheiro, Damaris faleceu em dezembro de 2020, aos 93 anos, em virtude de um câncer. Ela é uma das homenageadas no livro *Heroínas desta história* (BORGES; MERLINO, 2020), publicado pelo Instituto Vladimir Herzog em março de 2020, obra que confere visibilidade às trajetórias de mulheres que tiveram familiares assassinados por agentes da repressão durante a ditadura militar, e que fizeram de suas vidas uma constante luta por memória, verdade e justiça.

### **João do Vale<sup>9</sup>**

#### **1933-1996/Pedreiras e São Luís**

João Batista do Vale, nascido em 11/10/1933 em Pedreiras-MA, foi um musicista maranhense, apelidado como “pé de xote” por gostar muito de música. Neto de escravizados e do interior do estado do Maranhão, passou a vender doces muito cedo para ajudar na renda familiar, uma vez que não frequentava a escola devido às desigualdades socioeconômicas. Na sua infância ficou muito nítido todo o preconceito racial que mais tarde ele iria escrever em seus versos.

Desde cedo João do Vale precisou trabalhar e sem demora se mudou para São Luís para poder ajudar sua família. De dia trabalhava como pedreiro e a noite tornava-se brincante de bumba-meу-boi. Posteriormente, começou a ganhar a vida com os versos musicais que o mesmo compôs ao longo de sua trajetória. João do Vale trabalhou como pedreiro, vendedor de frutas, garimpeiro, etc. Durante as suas viagens, começou a frequentar lugares no qual passou a se interessar, como programas de rádio, na expectativa de mostrar seus versos autorais para que fossem gravados e assim pudesse melhorar de vida. E assim, com as poucas composições que tinha passou a ter a sua primeira gravação.

---

<sup>9</sup> Alguns dados biográficos de João do Vale também podem ser acessados na Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/10329-joao-do-vale>

Sua primeira composição, chamada *Madalena*, foi gravada em 1953 por Zezé Gonzaga. Logo depois compôs uma música com Luís Vieira, porém o musicista João do Vale teve suas contrariedades para receber seus direitos autorais pelo fato de ainda ser apenas um garoto. Enquanto trabalhava como ajudante de pedreiro na cidade do Rio de Janeiro, o personagem começou a presenciar a circulação de suas músicas. Após o sucesso no rádio, João do Vale passou a mostrar sua voz nos palcos, cantando sambas, xotes e baiões.

As músicas de João do Vale logo ganharam os rádios e depois o Brasil todo, fazendo com que seu sonho de se tornar artista se realizasse. Após a sua participação como figurante no filme *Mãos sangrentas* (1954), dirigido por Carlos Hugo Christensen, onde conheceu Roberto Farias, assistente de direção que em pouco tempo o chamou para produzir a trilha sonora de seu filme, *No mundo da lua* (1958).

Morando há mais de dez anos no Rio de Janeiro e com várias músicas gravadas, João do Vale foi convidado por Cartola a frequentar o Zicartola, ambiente onde surgiu a ideia do *Opinião*, um musical de protesto contra a ditadura militar recém-instalada. O espetáculo – cujos autores eram Paulo Pontes, Ferreira Gullar, Armando Costa e Oduvaldo Viana Filho e que contou com a direção de Augusto Boal – reuniu um compositor urbano (Zé Kéti), um nordestino (João do Vale) e uma moça da alta classe média (Nara Leão). Encenado no Teatro de Arena, em Copacabana, a partir de 10/12/1964, o espetáculo mostrava canções contestadoras, como *Carcará*, lançado por Nara Leão, mas que acabaria consagrando a cantora estreante Maria Bethânia (SEVERIANO; MELLO, 1998, p. 83-84).

*Carcará* é a mais conhecida composição da obra do artista maranhense João do Vale, “um observador profundo da paisagem e da vida nordestina”. “Um tipo de gavião, [...] sabe superar os problemas da sobrevivência, porque ao sentir fome ‘pega, mata e come’, e quando em perigo ‘avoia que nem avião’. Valente e decidido, ‘mais coragem do que home’, o carcará simboliza o ideal libertário da canção” (SEVERIANO; MELLO, 1998, p. 83-84).

A sensibilidade de suas músicas fez com que tivesse bastante prestígio e como consequência foram surgindo outros encontros que levaram a novas parcerias, shows e filmes. João do Vale teve parcerias gravadas com Nara Leão, Luís Vieira, Maria Bethânia, Chico Buarque, entre outros diversos cantores/compositores. João do Vale faleceu no dia 06/12/1996 em São Luís, por consequência de um derrame cerebral.

**Maria Aragão<sup>10</sup>**

### **1910-1991/Engenho Central e São Luís**

Maria José Camargo Aragão nasceu no dia 10/02/1910, em Engenho Central, que atualmente se chama Pindaré Mirim, no estado do Maranhão. Filha de Rosa Camargo Aragão, dona de casa e analfabeta, e seu Emídio Aragão, que era guarda-fios dos Telégrafos. Eram sete filhos, sendo Maria Aragão a terceira entre os mais velhos. Desde cedo a personagem já se apresentava e se afirmava como mulher negra. Maria Aragão foi médica, jornalista e professora, iniciando sua carreira como pediatra, formando-se na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, logo depois seguindo sua carreira médica como ginecologista (SILVA, 2019, p. 65).

Sua trajetória política é marcada pela filiação ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e pela defesa dos direitos das mulheres. Em 1944, conheceu o líder comunista Luís Carlos Prestes. No ano seguinte, decidiu se filiar a agremiação. Em 1951, Maria Aragão liderou várias ações e movimentos contra o sistema oligárquico maranhense, assim como também se posicionou frente aos desdobramentos de uma disputa pelo governo estadual, justamente entre as forças políticas que eram ligadas ao senador Vitorino Freire do Partido Social Trabalhista (PST).

Enquanto militante do PCB, Maria Aragão tornou-se uma personagem muito importante dentro das mobilizações políticas e esteve à frente de várias ações contra alguns grupos partidários. Em outubro de 1951, de acordo com a tese de Tauana Silva (2019), a personagem relatou ter sido presa por incriminação, por ela ser declaradamente comunista, sofrendo repressões e confrontos corporais com os agentes das forças de segurança pública.

Depois que retornou da União Soviética, em 1962, Maria Aragão participou de um estágio em medicina, iniciando uma atividade educativa com jovens secundaristas. Em 1964, a personagem ainda atuava junto às lideranças estudantis. Já nos anos 1970, ela foi contratada pela Liga Maranhense de Combate ao Câncer, atuando também nos postos de saúde de João Paulo e Anil na capital maranhense. Maria Aragão dizia que ser médica era imprescindível e que seu ofício significava justamente a esperança de mudar as vidas de muitas pessoas sem renda. Por isso, ela se dedicou a melhorar as condições de vida do povo, sempre lutando com “garras e dentes” pelos seus objetivos, trazendo resultados positivos para a população de seu estado.

---

<sup>10</sup> Os dados biográficos de Maria Aragão também podem ser acessados em ARAÚJO (2012); MOREIRA NETO (2017).

O legado de Maria Aragão se dá pela sua militância, como por exemplo, ao participar ativamente da criação da Sociedade Maranhense de Defesa dos Direitos Humanos (SMDDH) e também da criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Maria Aragão se tornou um símbolo da luta e da resistência das mulheres maranhenses e brasileiras. Dedicou boa parte de sua vida a defesa da democracia, da liberdade e da implantação do PCB no seu estado. Três vezes presa e torturada pela ditadura militar, Maria Aragão faleceu em 1991 “deixando como exemplo os valores éticos que iluminaram sua trajetória” (SCHUMAHER; BRASIL, 2006, p. 318).

### **Maria do Espírito Santo<sup>11</sup>**

#### **1948/Bacabal**

Conhecida como “Santinha”, a médica e comunista nasceu no dia 15/05/1948 no interior de Bacabal-MA. Ainda na infância, mudou-se com os pais para São Luís-MA. Sua mãe era uma “mulher do interior do Maranhão”, adepta dos antigos costumes e com uma vivência firmada no papel tradicional feminino. Seu pai, por sua vez, foi operário e militante comunista e, no estado do Maranhão, participou de diferentes ações políticas. Teve como principal referência seu pai, pois a incentivou a se formar em medicina e participar do Partido Comunista.

Assim, desde a juventude, Maria do Espírito Santo afirmou ter sido influenciada pela militância política paterna. Na busca por obter um trabalho considerado “igual a de homem” conforme as palavras de seu pai, “Santinha” optou por estudar medicina. Dessa forma, ela iniciou sua formação acadêmica na área da saúde em 1968, em São Luís. Ainda durante seus estudos na capital maranhense, porém, quando decidiu se qualificar no ramo da cirurgia, ela começou a perceber certos obstáculos ligados ao lugar da mulher na sociedade brasileira (SILVA, 2015, p. 01-02).

Em 1971, optou por transferir seu curso para a região sudeste, concluindo seu percurso acadêmico na Faculdade de Medicina da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Tendo no horizonte associar sua carreira profissional de médica com as demandas do partido, ela decidiu se qualificar no domínio das doenças infectocontagiosas e parasitárias, “enfermidades consideradas pela médica como proliferadas principalmente nas camadas mais desfavorecidas da sociedade” (SILVA, 2019, p. 256).

---

<sup>11</sup> As informações de caráter biográfico de Maria do Espírito Santo também foram coletadas de SILVA (2019).

Vale recordar que foi no âmbito da organização do Partido Comunista Brasileiro (PCB), no Rio de Janeiro, que a personagem relatou ter conhecido Armando, seu atual companheiro e pai de seus filhos gêmeos. Maria do Espírito Santo apontou as discussões sobre a “questão da mulher” no interior do Partido Comunista como um dos fatores responsáveis pela formação de coletivos feministas. Desse modo, foi no âmbito do PCB que, inicialmente, “Santinha” se identificou com o feminismo.

No início dos anos 1970, Maria do Espírito Santo foi encarregada pelo PCB a participar do movimento feminista com a finalidade de agregar novas filiadas. A princípio, elas promoviam grupos de reflexão, isto é, espaços compostos unicamente por mulheres nos quais podiam se reunir e se conscientizar, principalmente sobre os assuntos relativos às experiências cotidianas tais como as diferentes fases de suas vidas, o acesso à educação, as diferentes formas de opressão vividas no contexto familiar, a relação com seus corpos e com os companheiros/as etc.

Em 1975, participou da organização do Ano Internacional da Mulher, o qual obteve o apoio da Organização das Nações Unidas (ONU) e, alguns dias depois, participou da criação do Centro da Mulher Brasileira (CMB), entidade da qual foi membro fundadora. Empenhada em contribuir com seus conhecimentos acadêmicos, Santinha atuava no CMB enquanto médica, “na produção de congressos e conferências, pesquisas científicas e documentos militantes, bem como organização espaços concretos de atendimento clínico” (SILVA, 2019, p. 265). Cabe ainda destacar que enquanto médica, militante comunista e feminista, Santinha atuou no final dos anos 1970 nos bairros periféricos da cidade do Rio de Janeiro somando-se à luta das trabalhadoras domésticas que se organizavam politicamente (SILVA, 2019, p. 268).

Em 1983, Maria do Espírito Santo fez parte da equipe que constituiu o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM). Em 1986, foi uma das organizadoras do Primeiro Encontro de Saúde da Mulher. “Santinha” saiu do PCB em 1982 e no ano seguinte, em 1983, em Brasília, colaborou com a criação do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), contribuindo na elaboração de políticas públicas voltadas à saúde sexual e reprodutiva das mulheres. Analisando sua trajetória, percebe-se que foi no interior do PCB, grupo político em que militava desde os anos 1970, que Maria do Espírito Santo começou a se interessar pelo tema da igualdade de gênero e, por conseguinte, “a pensar o feminismo enquanto prática de vida e prática política” (SILVA, 2015, p. 13).

**Mestre Atenas<sup>12</sup>****1957/Teresina**

João da Cruz Atenas, nascido no dia 18/12/1957 em Teresina-PI, casado, pai de 7 filhos e 8 netos é conhecido como mestre Atenas. Por ser de grande influência, o mesmo carrega o título popular de mestre. Acolhido como filho de Grajaú-MA, é conhecido pelo seu trabalho cultural e musical. João Atenas e sua família mudaram-se para o Maranhão em busca de oportunidades e uma vida melhor. Mestre Atenas tinha apenas 27 anos quando se mudou para Pedreiras-MA e logo se envolveu com projetos culturais. Todavia, diante das necessidades, passou a trabalhar em diversas áreas, além da música. Mestre Atenas se destacou como figurinista e também atuando em outras áreas como pintor artístico, pedreiro, artesão, compositor, cavaquinhista e cantor.

Mestre Atenas chegou a Grajaú-MA em 1986, quando fundou o bloco carnavalesco *Bafô da Onça*, no bairro Expoagra. Foi um dos fundadores do grupo *Bumba-Meu-Boi Brilho da Noite*, fundado em 09/04/1991 e que atualmente abrilhanta os terreiros de bumba-meu-boi com cantorias de toada. Atenas também toca tarol e é percussionista na banda municipal de Grajaú-MA há cerca de 22 anos. Aprendeu a dominar o cavaquinho por necessidades do seu grupo de bumba-meu-boi. João Atenas estudou na escola Mecenas Falcão, situado na cidade de Grajaú-MA, onde concluiu o ensino fundamental. O mesmo relatou que parou com os estudos no 1º ano do ensino médio por não conseguir conciliar seu tempo com o trabalho e a escola.

Mesmo diante das dificuldades em decorrência das enchentes que já provocaram inúmeros prejuízos em seu espaço que fica localizado no bairro Trizidela, João Atenas continua ativo aos 65 anos e disposto a fazer história com seus projetos culturais e musicais, dançando, cantando toadas e levando um grande legado para as gerações vindouras. Em 17/12/2021, a UFMA conferiu ao Mestre Atenas o certificado de honra ao mérito cultural. Neste mesmo ano, lançou um disco com composições autorais para celebrar os 30 anos do *Boi Brilho da Noite*.

**Mundinha Araújo<sup>13</sup>****1943/São Luís**

<sup>12</sup> Todas as informações de cunho biográfico de Mestre Atenas foram reunidos a partir de uma entrevista realizada no Ponto de Cultura na cidade de Grajaú/MA em 30/09/2022 (ATENAS, 2022). A página do Instagram de João da Cruz Atenas está disponível em: [https://www.instagram.com/joao\\_atenas/](https://www.instagram.com/joao_atenas/)

<sup>13</sup> Os dados biográficos de Mundinha Araújo foram coletados em ARAÚJO (2004); PEREIRA (2011); SOUZA (2018).

Maria Raimunda (Mundinha) Araújo nasceu no dia 08/01/1943 na rua da Misericórdia, no centro de São Luís-MA. Filha de Eugênio Estanislau de Araújo, que era operário gráfico, e sua mãe Neuza Valeriana Ribeiro Araújo, dona de casa. Tinha onze irmãos, seis mulheres e cinco homens. Mundinha Araújo, como é conhecida, salientou que no início de sua formação escolar sua irmã e ela foram colocadas no Instituto Raimundo Serveira, mas logo depois estudaram em escola pública, pois os institutos naquela época eram particulares e não acessíveis às famílias advindas das camadas populares. Por outro lado, a personagem iniciou a vida docente com cerca de vinte anos de idade. Lecionou no Instituto dos Ferroviários do Maranhão em 1964, e ganhava somente 35 cruzeiros novos por mês. No ano de 1967 foi para o Rio de Janeiro, onde passou por várias transformações, se identificando e se assumindo como mulher negra.

Mundinha gostava muito de escrever e por isso, no ano de 1971, cursou Comunicação na Federação das Escolas Superiores. Em 1975, deixou de lecionar para estagiar no setor de editoração do Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais do estado do Maranhão. Teve uma atuação destacada como professora, jornalista, ativista e pesquisadora em seu estado. É uma militante do movimento negro, sendo uma das fundadoras do Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN), em 1979, organização pioneira na defesa das comunidades negras rurais quilombolas no estado e no Brasil. Foi a primeira vice-presidente da entidade, de 1980 a 1982, ocupando a presidência no mandato seguinte (1982-1984).

Com a finalidade de promover a conscientização da temática racial e, igualmente, valorizar a história da população negra, o CCN passou a produzir nos anos 1980 materiais didáticos, como a série de cartilhas “Esta história eu não conhecia”. Em virtude das redes de relações estabelecidas pelos militantes do movimento negro de todo o país, essas cartilhas circularam em diferentes estados, apresentando “aspectos pouquíssimos conhecidos da história do Brasil, especialmente as histórias dos negros no Brasil” (PEREIRA, 2011, p. 42). A cartilha do CCN adotava a seguinte estratégia didático-pedagógica, “uma mãe contava histórias ‘positivas’ dos negros, como as dos quilombos, por exemplo, para explicar o processo da abolição da escravatura ao menino negro que acabara de brigar na escola com um menino branco, que havia dito a seguinte frase após a briga: ‘Negrinho! Culpada disso é a princesa Isabel!’” (PEREIRA, 2011, p. 42-43).

Em 1984, o CCN e Mundinha Araújo, inspirados nas atividades artísticas e culturais desenvolvidas na Bahia, decidiram criar o bloco afro Akomabu, “misturando capoeira, dança e o ritmo Ijexá, como forma de combater a discriminação e valorizar a identidade negra”. Em seu primeiro

desfile, em 1985, o tema do bloco foi “Luta de Negro”. Nos anos subsequentes, o bloco passou a trazer à baila “novas histórias que até então não haviam sido contadas, tanto sobre a vida enquanto coletivo do povo de cor, como de personagens marcantes” (SOUZA, 2018, p. 33).

Mundinha Araújo também foi diretora do Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM) entre os anos 1991-2002, contribuindo muito para que houvesse a construção do acervo sobre a resistência política e cultural do negro no Maranhão (SCHUMAHER; BRASIL, 2006, p. 359). Além disso, coordenou o “mapeamento cultural dos povos de Alcântara” nos anos de 1985-1987. Publicou obras que têm contribuído para a história e memória do negro no Maranhão. Em 2014, foi homenageada na Feira do Livro de São Luís. Dentre suas obras já publicadas, destacaríamos: *Breve memória das comunidades de Alcântara* (1990); *A invasão do quilombo Limoeiro* (1992); *Documentos para a história da Balaiada* (2001); *Insurreição dos escravos do Viana* (2006); *Em busca de Dom Cosme Bento das Chagas, Negro Cosme: tutor e imperador da liberdade* (2008).

Todas estas obras, assim como a trajetória de militância de Mundinha Araújo, vem inspirando, por várias décadas, outros pesquisadores e educadores do Maranhão a se engajarem numa educação que problematize preconceitos e que esteja comprometida com a luta antirracista. Ou seja, a contínua luta de militantes negros/as ao longo do século passado “tornou possível a construção de resultados visíveis para o conjunto da população brasileira nos anos recentes, como por exemplo a criação e aprovação da Lei 10.639, em 09/01/2003” (PEREIRA, 2011, p. 43), que instituiu a obrigatoriedade do ensino da história e culturas africanas e afro-brasileiras nas escolas de todo o país.

## **Salgado Maranhão<sup>14</sup>**

### **1953/Caxias**

Um dos proeminentes poetas de sua geração, José Salgado Santos nasceu no dia 13/11/1953 no povoado de Cana Brava das Moças, na cidade de Caxias, interior do Maranhão. Filho da camponesa Raimunda Salgado dos Santos e do comerciante Moacyr dos Santos Costa, sendo que enquanto o pai pertencia à elite maranhense a mãe era descendente de escravizados. Aos 15 anos, ainda adolescente, mudou-se com os irmãos e a mãe para Teresina-PI, onde foi alfabetizado. Sendo assim, sua alfabetização, que começou tarde, foi concluída em 1968. Estudou na Pontifícia Universidade Católica

<sup>14</sup> Os dados biográficos de Salgado Maranhão foram compilados no portal Literafro da Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: <https://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/416-salgado-maranhao> E no Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/salgado-maranhao/>

(PUC-RJ), residindo na Casa do Estudante Universitário (CEU). Hoje é poeta, jornalista, compositor (letrista) e consultor cultural. Além disso, foi também terapeuta corporal, atuando como professor de Tai Chi Chuan e mestre em Shiatsu.

Salgado Maranhão deixou a família no Nordeste e se mudou sozinho para o Rio de Janeiro. Posteriormente, o personagem participou do movimento de poesia marginal que vigorou nos centros urbanos do país nos anos 1970. Sua obra poética – da qual *Voz* é um especial exemplo – é marcada pela desestruturação textual e incorpora dor e violência enfrentadas cotidianamente. Nota-se uma preocupação em recompor, em suas obras, árdua e agudamente, o universo simbólico que tem sido historicamente um espaço interdito às variadas manifestações da população negra. Em 1978, foi um dos organizadores, junto com Sergio Varela Natureza e Moacyr Félix, do livro *Ebulição da escravatura* (1978). Em 2019, viajou para os EUA, onde foi uma das principais atrações, como palestrante, em universidades no Texas e Louisiana.

Suas obras tiveram bastante repercussão no Brasil. Seus primeiros poemas foram editados na antologia, intitulada *Ebulição da escravatura* (1978). Em seguida, publicou os seguintes livros: *Aboio, ou saga do nordestino em busca da terra prometida* (1984); *Punhos da serpente* (1989); *Palárrora* (1995); *O beijo da fera* (1996); *Mural de ventos* (1998); *Sol sanguíneo* (2002); *Solo de gaveta* (2005); *A pelagem da tigra* (2009); *A cor da palavra* (2010). Ganhou vários prêmios, entre eles, o Jabuti, em 1999, com o livro *Mural de ventos*, e o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras, em 2011, com o livro *A cor da palavra*. Seus poemas estão traduzidos em inglês, italiano, francês, alemão, sueco e hebraico.

Além disso, como compositor, tem gravações e parcerias com grandes nomes da Música Popular Brasileira, como Alcione, Elba Ramalho, Dominguinhos, Paulinho da Viola, Ivan Lins, Zizi Possi, Ney Matogrosso, Elton Medeiros, Rita Ribeiro, Zé Renato, Selma Reis, Rosa Maria, Xangai, Vital Farias, Zé Américo Bastos, Moacyr Luz, Amélia Rabelo, Carlos Pitta, Gereba, Mirabô Dantas, Wagner Guimarães e Naeno.

Salgado destaca-se pelo trato apurado da linguagem e pelo domínio dela. Sua relação de intimidade com a palavra escrita demonstra uma postura centrada diante do fazer poético e da vida. Influenciado pela filosofia oriental, o poeta traz para seus versos o estado de equilíbrio empenhado na reavaliação dos valores instituídos. O ser humano mostra-se cada vez mais limitado e distanciado da realidade em que vive. Nesse sentido, torna-se necessário soltar as cordas do estipulado e experimentar o desconhecido. É isso que o autor faz com sua poesia: toma a palavra e descobrindo-a de seus

significados usuais, explora sua condição polissêmica apontando para o caráter simples e transitório das coisas.

## Ubirajara Fidalgo<sup>15</sup>

### 1949-1986/Caxias e São Luís

Nascido em Caxias-MA em 22/07/1949, Ubirajara Fidalgo foi uma das grandes personalidades negras do século XX. Iniciou seus estudos nas artes cênicas aos 17 anos no curso de iniciação teatral de Jesus Chediak, em São Luís-MA. Foi de suma importância para o movimento negro no Brasil, sendo um dos coordenadores do Instituto de Pesquisa e Cultura Negra (IPCN), que tinha como propósito lutar contra o racismo, o preconceito e a discriminação racial nas décadas de 1970 e 1980.

Ainda nos anos de 1970, o ator e dramaturgo foi também o fundador da companhia de Teatro Profissional do Negro (TEPRON), aliando a montagem de suas peças teatrais às questões relevantes relacionadas ao racismo, a discriminação no Brasil, o preconceito, a homofobia, a desigualdade social e a ditadura militar. Além disso, o TEPRON foi imprescindível para os jovens negros que na época tiveram grandes oportunidades de ingressar suas carreiras nas peças que o mesmo escrevia. Casou-se com a produtora Alzira Fidalgo, que deu vida aos seus textos e logo levou aos palcos as obras que buscaram a inserção real do negro no campo das artes cênicas. Ubirajara Fidalgo abordou as questões que permeavam o debate político contando com a participação do público oprimido e sem voz. Foi também o proclamador da inserção do debate racial nos palcos teatrais e nas suas pautas militantes. Sua última encenação ocorreu por volta de 1985, com a peça *Tuti* que ficou um ano nos cartazes do cinema Calouste Gulbenkian e que hoje carrega o nome de Centro de Artes Calouste Gulbenkian. Prestes a festejar seus 37 anos, na manhã do dia 03/06/1986, o dramaturgo morre logo após receber um transplante de rins que ocorreu no hospital de São Lucas, na cidade do Rio de Janeiro.

### Sugestão de atividade pedagógica

Inicialmente faremos uma apresentação dos personagens pesquisados e biografados, cujo título será *Onde estão os negros do nosso Maranhão? Conhecendo as trajetórias dos personagens que fizeram história*. Logo em seguida, propomos três jogos para que estudantes do 9º ano do ensino fundamental possam

<sup>15</sup> Os dados biográficos de Ubirajara Fidalgo foram compilados no Portal Geledés/Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ubirajara-e-alzira-fidalgo-e-a-experiencia-politica-do-teatro-profissional-do-negro/> E na Fundação Cultural Palmares. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/lista-de-personalidades-negras-2013-ubirajara-fidalgo>

conhecer as trajetórias de homens e mulheres negros/as que marcaram a história do Brasil no século XX<sup>16</sup>. Compreende-se o jogo como prática cultural que pressupõe a interação social e que se alicerça em experimentações pedagógicas de construção do conhecimento histórico na escola, notadamente “pela capacidade de criar vínculos entre os pares (jovens estudantes), dos pares com os mestres (adultos professores) e de ambos com os saberes e fazeres que circulam dentro e fora da sala de aula” (MEINERZ, 2018, p. 73).

É preciso reconhecer, portanto, o lúdico como elemento educativo capaz de potencializar o ensino de história. Por meio das minibiografias elaboradas, a expectativa é despertar emoção e encantamento nos estudantes com as questões/dilemas vividos por diferentes homens e mulheres, habitantes de outros tempos e espaços, bem como seus modos de agir, sentir e pensar. Nessa perspectiva, o professor então é convidado a desenvolver a habilidade de construir jogos em que as práticas de diálogo intelectual e afetivo se constituem como balizas centrais. Torna-se relevante ressaltar que nesse processo o docente “faz escolhas, adapta, cria, recorta, tanto formas de jogar, quanto conteúdos para o jogo”, imbuído da ideia de que pesquisa e docência se alimentam reciprocamente (MEINERZ, 2018, p. 76).

Diversas formas de jogos e competições são utilizadas no cotidiano das salas de aula como forma de estimular o desenvolvimento de crianças e jovens, seja para facilitar a compreensão escrita e oral e até mesmo incentivar a relação e a solidariedade de grupo e o trabalho em equipe (ANDRADE, 2007, p. 91-92). No entanto, é preciso ter clareza dos objetivos e resultados destas propostas pedagógicas. Ademais, não podemos esquecer “o que ele ensina e como pode, se bem planejado, potencializar a estruturação e ressignificação dos saberes escolares” (ANDRADE, 2007, p. 92).

Em linhas gerais, enquanto recurso didático-pedagógico, o jogo pode se tornar um grande aliado no processo de construção do conhecimento, tendo em vista que crianças e adolescentes geralmente estão “familiarizados com várias modalidades de jogos e competições no ambiente extraescolar” (ANDRADE, 2007, p. 93). O ambiente escolar seria, neste caso, um espaço privilegiado para se restabelecer a relevância de jogos coletivos que estimulem a concentração, o raciocínio e a cooperação, a competição, a experimentação e a auto afirmação (ANDRADE, 2007, p. 94).

<sup>16</sup> Em consonância com o que prevê o documento curricular do território maranhense para o 9º ano do ensino fundamental na unidade temática “O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX”: discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil (BRASIL, 2019, p. 456).

Jogos teatrais sobre determinados eventos históricos, histórias ou poemas construídos por jovens e adolescentes sobre o modo de vida de pessoas de outras épocas, histórias em quadrinhos, etc. são atividades e experiências que podem contribuir para que os estudantes construam “noções de temporalidades, comparações, noções de processos e transformações, operações de identificação e diferenciação que lhes permitem conhecer diferentes realidades históricas e refletir sobre sua própria realidade” (ANDRADE, 2007, p. 95).

A proposta da atividade é chamar a atenção dos estudantes de ensino fundamental para a relevância de se incluir outros personagens em suas formações. Com a elaboração das minibiografias, almejamos contribuir para ressignificar e romper com as representações de subalternização e invisibilização ainda presentes, seja na narrativa histórica e mesmo no cotidiano (LIMA, 2018, p. 19-20). Dessa maneira, a possibilidade de refletir sobre as trajetórias destes personagens poderá sensibilizar os discentes para o tema das desigualdades socioeconômicas, de gênero e de raça e, igualmente, para processos históricos de silenciamento e exclusão de determinados sujeitos e grupos.

### **Primeiro jogo: jogo de cartas**

Neste primeiro jogo nos inspiramos na proposta da professora Perla Santos, que leciona na escola municipal de ensino fundamental Mario Quintana, em Porto Alegre. A professora Perla Santos criou um jogo de cartas com personagens negros/as, o Bafo Afro, com o intuito de incentivar o conhecimento da cultura afro-brasileira. O objetivo é levar mais representatividade para o ambiente escolar, além de estimular os estudantes, em sua maioria negros, a enxergarem o seu próprio potencial. O bafo é um jogo de figurinhas em que cada carta corresponde a um personagem que possui habilidades que equivalem a uma certa quantia de pontos. O propósito aqui é que os alunos aprendam de forma lúdica e despertem a curiosidade de conhecer a história desses e de outros personagens negros que marcaram a própria história do Brasil. Vamos ao jogo!

O jogo ocorrerá da seguinte forma: produziremos cartas com os personagens pesquisados, contendo informações sobre os mesmos.

**Imagen 1: Célia Sampaio**



Cantora e compositora conhecida nacionalmente como a “dama do reggae”. Em 1984, começou sua carreira cantando no Bloco Afro Akomabu, primeiro bloco afro do carnaval maranhense.

**Força: 860**

**Qualidade: Potência criativa**

Fonte: Spotify.  
Disponível em:  
<https://open.spotify.com/intl-pt/album/7sIV6GMfp4YtYYgdj18tCJ>  
Acessado em: 22/11/2022.

**Imagen 2: Damaris Lucena**



Reconhecida como uma das lideranças operárias entre as mulheres. No final dos anos 1960, atuou na resistência armada contra a ditadura militar.

**Força: 980**

**Qualidade: Valentia**

Fonte: Memorial da Resistência de São Paulo.  
Disponível em:  
<https://memorialdaresistencia.org.br/noticias/ramos-e-raizes-da-opressao/>  
Acessado em: 22/11/2021.

**Imagen 3: João do Vale**



Feito de música e poesia, o poeta do povo foi um grande musicista e uma figura-chave no cenário musical brasileiro.

**Força: 850**

**Qualidade: Genialidade**

Fonte: Musica Brasilis.  
Disponível em:  
<https://musicabrasilis.org.br/compositores/joao-do-vale>  
Acessado em: 22/11/2021.

**Imagen 4: Maria Aragão**



Fonte: MOREIRA NETO, Euclides. **Maria por Maria ou a saga da besta fera nos porões do cárcere e da ditadura.** São Luís: EDUFMA, 2017. p. 27.

**Imagen 5: Maria do Espírito Santo**



Fonte: Rede Feminista de Saúde.  
 Disponível em:  
<https://www.redesaude.org.br/podcast/>  
 Acessado em: 22/11/2021.

**Imagen 6: Mestre Atenas**



Fonte: Instagram.  
 Disponível em:  
[https://www.instagram.com/joao\\_atenas/](https://www.instagram.com/joao_atenas/)  
 Acessado em: 22/11/2021.

**Imagen 7: Mundinha Araújo**

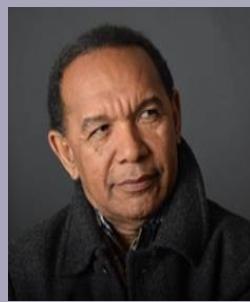


Teve atuação destacada como professora e militante do movimento negro, sendo uma das fundadoras do Centro de Cultura Negra do Maranhão.

**Força: 920**  
**Qualidade: Resistência**

Fonte: SCHUMAHER, Schuma; BRASIL, Érico Vital (org.). **Mulheres negras do Brasil**. Rio de Janeiro: REDEH, 2006. p. 359.

**Imagen 8: Salgado Maranhão**



Um dos proeminentes poetas de sua geração. Participou do movimento de poesia marginal que vigorou nos centros urbanos que vigorou nos centros urbanos do país nos anos 1970.

**Força: 790**  
**Qualidade: Brilhantismo**

Fonte: Latin American Literature Today.  
 Disponível em:  
<https://latinamericanliteraturetoday.org/2020/02/three-poems-salgado-maranhao/>  
 Acessado em: 22/11/2021.

**Imagen 9: Ubirajara Fidalgo**



Autor e dramaturgo. Uma das grandes personalidades negras do século XX, cuja trajetória foi marcada pela luta contra o racismo e a discriminação racial nas décadas de 1970 e 1980.

**Força: 800**  
**Qualidade: Bravura**

Fonte: Fundação Cultural Palmares.  
 Disponível em:  
<https://www.gov.br/palmares/p-t-br/assuntos/noticias/lista-de-personalidades-negras-2013-ubirajara-fidalgo>  
 Acessado em: 22/11/2021.

Em seguida, os participantes irão recortar e colorir. As partidas serão em dupla. Duas cartas devem ficar viradas para baixo sobre a mesa e um jogador por vez deve espalmar a mão sobre a carta.

Quem conseguir virar primeiro, pontua. No final, quem tiver mais cartas viradas, ganha. Além disso, quem garantir mais figuras femininas leva a melhor. Como assinalou a professora Perla Santos, na reportagem de Flávia Martinelli para o blog Mulherias, a valorização da mulher deve ser a regra básica do jogo, pois “nós, mulheres pretas, sempre fomos negadas, esquecidas, por isso era justo darmos um valor maior para as personagens femininas e acrescentar mais pontos às cartinhas que tem elas”<sup>17</sup>.

### **Segundo jogo: jogo da memória**

Na leitura de Kabengele Munanga (1992, p. 113), o sentimento de pertencer a determinada coletividade está pautado na apropriação de dois tipos de memórias, quais sejam, “de um lado pelos acontecimentos, personagens e lugares vividos”, e de outro “pelos acontecimentos, personagens e lugares herdados, isto é, fornecidos pela socialização, enfatizando dados pertencentes à história do grupo e forjando referências a um passado comum”. Partindo de tal premissa, elaboraremos cartas com as imagens dos biografados e outras com características/acontecimentos que marcaram as trajetórias dos personagens pesquisados. Na sequência, cada estudante irá retirar duas cartas, sendo que uma deve ser imagem e outra característica. Se a imagem estiver de acordo com a característica, o aluno ganhará um ponto. É importante que a cada acerto o mediador crie um diálogo/debate sobre o personagem, para que assim todos possam conhecer as biografias daqueles que desempenharam ou desempenham atividades importantes, seja como artistas, escritores, educadores e ativistas.

### **Terceiro jogo: identidade, visibilidade e protagonismo**

Neste jogo é importante que os alunos já tenham um conhecimento prévio sobre os/as personagens biografados. O jogo começará da seguinte forma: serão produzidas duas cartas de todos os personagens com imagens dos mesmos e várias características ou acontecimentos vividos de cada personagem. É importante criar frases erradas para deixar o jogo mais divertido. Assim, será distribuída uma das imagens a cada trio de forma aleatória. As cartas com as características ou acontecimentos serão postas à mesa também de forma aleatória. Desse modo, cada trio terá um minuto para encontrar as características ou acontecimentos de seus respectivos personagens. Serão três rodadas e o trio que

<sup>17</sup> Disponível em: <https://mulherias.blogosfera.uol.com.br/2019/12/20/professora-de-escola-publica-cria-jogo-de-cartas-com-heróis-negros/> Acessado em: 30/06/2022.

encontrar mais características será o vencedor.

Ao final, o mediador abre uma roda de conversa para debater as trajetórias dos personagens e assim os alunos poderão conhecer ainda mais a “identidade étnico-racial negra”<sup>18</sup> e os movimentos sociais, políticos e artísticos em que os personagens se engajaram, o que denota a necessidade de “tirar da névoa rostos, retratos, nomes e personagens múltiplos, que espelham a riqueza e a variedade das experiências afro-brasileiras” (GOMES; LAURIANO; SCHWARCZ, 2021, p. 15).

## Considerações finais

Um dos principais desafios, notadamente nos primeiros anos após a promulgação da Lei 10.639/2003, e que tem sido enfrentado, é a escassez de materiais didáticos sobre o ensino de história da África e da cultura afro-brasileira. A nossa proposta partiu de algumas iniciativas já realizadas (SCHUMAHER; BRASIL, 2006; LOPES, 2011; GOMES; LAURIANO; SCHWARCZ, 2021), no sentido de conferir visibilidade a personalidades afro-brasileiras. Cabe salientar que o uso de biografias no estudo da história “permite tornar concretas experiências vividas no passado, bem como colocar em xeque visões generalizadas a respeito de trajetórias e modos de vida que desconhecemos” (ALBERTI, 2012, p. 73-74). Além disso, é de suma importância a construção de uma reflexão acerca do porque determinados personagens são lembrados, e outros silenciados, seja no ensino ou na pesquisa<sup>19</sup>.

Desde a Constituição de 1988, passando pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, até a legislação mais recente, “assiste-se a um progressivo reconhecimento, no plano formal, da necessidade de se promover maior justiça social a partir da valorização e afirmação de culturas e identidades tradicionalmente negadas ou silenciadas” (SANTOS, 2013, p. 57-58). Nesse sentido, a emergência de uma legislação voltada a tal perspectiva se coaduna com reivindicações históricas dos movimentos sociais, em especial, o movimento negro, ao mesmo tempo em que propicia “processos de orientação curricular e demanda a constituição de novos saberes e práticas escolares e docentes” (SANTOS, 2013, p. 57-58).

<sup>18</sup> Expressão utilizada por Kabengele Munanga (2004, p. 29) para designar seu conteúdo político no sentido da compreensão de “uma identidade unificadora em busca de propostas transformadoras da realidade do negro no Brasil”.

<sup>19</sup> Ver, a esse respeito, o artigo de Lima (2018).

No debate sobre os desafios curriculares para o ensino de história da África e da cultura afro-brasileira e indígena, Circe Bittencourt (2018, p. 123) tem sido uma das autoras a enfatizar que as reformas curriculares mais recentes “transformaram-se em lugares privilegiados para propor mudanças em um ensino de História calcado no padrão masculino, branco, cristão e centrado no pensamento eurocêntrico”. As demandas por políticas inclusivas e antirracistas no setor educacional compreendem que as escolas devem ser vistas como “lugares estratégicos para estudos e debates de tais problemas, uma vez que nelas crianças e jovens, além dos próprios professores e funcionários, vivenciam cotidianamente situações de discriminações e preconceitos” (BITTENCOURT, 2018, p. 124).

Como observou Bittencourt (2018, p. 125), a implementação do currículo sob o paradigma da pluralidade cultural e étnico-racial não é uma tarefa simples, e sua incorporação tem sido interpretada diferentemente pelos agentes educacionais e pela sociedade em geral, sobretudo por parte de setores conservadores que acusam os estudos de cultura indígena e afro-brasileira de promoverem uma verdadeira “distorção do sistema educacional brasileiro”. Em linhas gerais, um dos principais entraves para a construção de práticas escolares da história das sociedades indígenas, africanas e dos afrodescendentes se refere à permanência da lógica dos currículos eurocêntricos, levando em conta que tais conteúdos “são incorporados como simples anexos ou apêndices de uma história ocidental hierárquica e não se efetiva a compreensão da história da sociedade brasileira (ou americana) como intercultural” (BITTENCOURT, 2018, p. 125).

Portanto, torna-se relevante incluir “novos” sujeitos na narrativa histórica e escolar – personagens estes em geral silenciados ou esquecidos pelos nossos manuais, livros didáticos e compêndios mais tradicionais – pesquisando como organizaram memórias, relataram a originalidade de suas vivências e quais vestígios sobre suas expectativas, projetos e utopias deixaram (GOMES; LAURIANO; SCHWARCZ, 2021, p. 15-16). Como diria Josep Fontana (1998), falar do passado de uma sociedade é posicionar-se em relação ao tempo presente. É também definir-se em relação às lutas e aos projetos sociais em disputa na sociedade em que vive o/a educador/a. Isto posto, retomamos os versos do samba-enredo *História para ninar gente grande*, que menciona figuras importantes da resistência negra no Brasil, para convidar estudantes e professores/as a “ouvir as Marias, Mahins, Marielles, Malês”.

#### Referências bibliográficas:

ALBERTI, Verena. **Proposta de material didático para a história das relações étnico-raciais.** Revista História Hoje, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 61-88, 2012.

ANDRADE, Débora El-Jaick. O lúdico e o sério: experiências com jogos no ensino de história. **História & Ensino**, Londrina, v. 13, p. 91-106, 2007.

ARAÚJO, Márcia Antonia Piedade. **Maria Aragão: uma trajetória em busca de uma sociedade igualitária.** 2012. 320 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

ARAÚJO, Maria Raimunda. **Depoimento.** Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2004. Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/historia-oral/entrevista-tematica/maria-aimunda-araujo> Acessado em: 22/06/2021.

ATENAS, João da Cruz. Entrevista realizada por Bruna Silva Sampaio. Ponto de Cultura, Grajaú-MA, 30 set. 2022.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história: fundamentos e métodos.** 5<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2018.

BORGES, Carla; MERLINO, Tatiana. (org.). **Heroínas desta história: mulheres em busca de justiça por familiares mortos pela ditadura.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla (org.). **Fontes históricas.** 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 203-233.

BRASIL. Ministério da Educação. **Documento curricular do território maranhense para a educação infantil e o ensino fundamental.** Rio de Janeiro: FGV, 2019.

BRASIL. SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília: MEC/Secad, 2004.

FONTANA, Josep. **História: análise do passado e projeto social.** Bauru, SP: EDUSC, 1998.

GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Enciclopédia negra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LIMA, Fabiana Ferreira de. **“Personalidades negras?! Só conheço Zumbi, professora!”.** A construção do “herói” e a invisibilização do negro na história. Revista da ABPN, Curitiba, p. 05-21, 2018.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana.** 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.

MEINERZ, Carla. Jogar com a História na sala de aula. In: GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet (orgs.). **Jogos e ensino de história.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018, p. 73-86.

MOREIRA NETO, Euclides. **Maria por Maria ou a saga da besta fera nos porões do cárcere e da ditadura.** São Luís: EDUFMA, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades.** Revista de Antropologia, São Paulo, v. 33, p. 109-117, 1992.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Cadernos PENESB, Rio de Janeiro, n. 5, p. 15-34, 2004.

OLIVA, Anderson Ribeiro; CONCEIÇÃO, Maria Telvira da. A construção de epistemologias insubmissas e os caminhos possíveis para uma educação antirracista e anticolonial. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 12, n. 25, p. 06-38, 2023.

PEREIRA, Amílcar Araújo. **A lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela “reavaliação do papel do negro na história do Brasil”**. Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 12, n. 17, p. 25-45, 2011.

PEREIRA, Amílcar Araújo; MONTEIRO, Ana Maria (org.). **Ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

PEREIRA, Ligia Maria Leite. **Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias**. História Oral, Rio de Janeiro, v. 3, p. 117-127, 2000.

RIDENTI, Marcelo. Esquerdas revolucionárias e luta armada. In: FERREIRA, J.; AARÃO REIS, D. (org.). **Revolução e democracia (1964-...). As esquerdas no Brasil, v. 3**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 21-51.

SANTOS, Lorene dos. Ensino de história e cultura africana e afro-brasileira: dilemas e desafios da recepção à Lei 10.639/03. In: PEREIRA, Amílcar Araújo; MONTEIRO, Ana Maria (org.). **Ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013. p. 57-83.

SCHUMAHER, Schuma; BRASIL, Érico Vital (org.). **Mulheres negras do Brasil**. Rio de Janeiro: REDEH, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Biografia como gênero e problema**. História Social, Campinas, n. 24, p. 51-74, 2013.

SEVERIANO, J.; MELLO, Z. H. de. **A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras**, vol. 2: 1958-1985. São Paulo: Editora 34, 1998.

SILVA, Tauana Olívia Gomes. **Maria do Espírito Santo Tavares dos Santos: a contribuição de uma mulher negra na construção dos movimentos de mulheres e feministas**. In: Simpósio Nacional de História, 28., 2015, Florianópolis. Anais. Florianópolis: ANPUH, 2015. p. 01-16.

SILVA, Tauana Olívia Gomes. **Mulheres negras nos movimentos de esquerda durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985)**. 2019. 528 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SOUZA, Geraldine Mendonça de. **Trajetórias da luta negra pela educação: uma inspiração em Mundinha Araújo**. 2018. 122 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.